

## OS CONFLITOS CULTURAIS DA DÉCADA DE 1960 NA REVISTA REALIDADE

Márcia Eliane Rosa

Jornalista e doutora em Ciências da Comunicação pela USP (Universidade de São Paulo). Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero, onde também atua como pesquisadora no grupo Comunicação e Sociedade do Espetáculo. É professora da PUC-CAMPINAS. E-mail: marciaer@terra.com.br.

### Resumo

Este artigo faz um recorte de alguns aspectos do cenário conflitante cultural da década de 1960 no Brasil a partir da revista Realidade, importante publicação jornalística do país no período. Os textos da revista Realidade, uma publicação diferente de todas outras do gênero à época, conseguiram reunir material jornalístico e histórico que retratou o cotidiano de uma época e captou flagrantes da cultura do país, evidenciando, entre 1966-1968, partes ou ângulos desses acontecimentos culturais em uma sociedade criativa e efervescente.

**Palavras-chave:** Revista Realidade; Cultura; Arte e política

### Abstract

This article intends to make an indentation of some aspects of conflicting cultural scene of the 1960s in Brazil from Realidade magazine journalism major publication in the country in the period. The texts of Realidade magazine, one unlike any other publication of its kind at the time, were able to gather journalistic and historical material that portrayed everyday life in a time and captured snapshots of the culture of the country, showing, between 1966-1968, parts or angles of these events culture in a creative and effervescent society.

**Keywords:** Creative Industries. Foment to Audiovisual Producers. Public Policies

### Resumen

Este artículo aborda algunos aspectos de la vida cultural en conflicto de la década de 1960 en Brasil desde el periodismo revista Realidade, publicación importante en el país en el período. Los textos de la revista Realidade, una publicación a diferencia de cualquier otro género en el momento, fueron capaces de reunir material periodístico e histórico que retrata la vida cotidiana en un tiempo y capturó instantáneas de la cultura del país, que muestra, entre 1966-1968, partes o ángulos de estos eventos la cultura en una sociedad creativa y efervescente.

**Palabras clave:** Realidade Magazine; culture; Art and politics

### **1. Introdução**

A revista Realidade foi publicada no Brasil pela editora Abril durante dez anos, de abril de 1966 a março de 1976. Editada mensalmente, alcançou a tiragem de 475 mil exemplares seis meses após seu lançamento, quase o dobro do montante inicial. O período da publicação da revista se caracterizou por um cenário que fundia política e cultura ao cotidiano dos brasileiros. Através da leitura de reportagens da época, é possível perceber como as ideias de identidade e resistências política e cultural estavam presentes na noção de cultura captada pela revista. Foi uma fase em que a arte era usada como forma de atingir objetivos e reivindicações políticas enquanto a política cultural ainda não era tema de pauta. Um período de liberalização de costumes e de propostas revolucionárias na política, na cultura e na economia, que marcaram os anos 1960.

A revista imprimiu inovações e demonstrou-se relevante, primeiro, a partir de suas qualidades jornalísticas, pois Realidade fez vários retratos das questões sociais no Brasil e no mundo, de forma bastante contextualizada, e com a apresentação de um texto aprimorado, próximo ao estilo literário. Esses aspectos elevaram e destacaram a qualidade do material publicado, não só comparando-o às demais publicações da época, mas às revistas até hoje publicadas no país. Foi uma aventura jornalística singular, que capturou a cultura daquele período, visibilizando aspectos importantes que tentaremos contemplar, a seguir, neste artigo.

### **2. O cenário cultural no mundo**

O surgimento das mais variadas formas de manifestações artísticas nos anos 1960 deve ser compreendido em sua temporalidade, sob o contexto de momentos históricos em que se desenvolveram, cujas características tinham o teor de buscar mudanças na vida social do país. Muitos grupos foram formados em um universo que tinha clima revolucionário, não só no Brasil como em diversas outras partes do mundo. A partir do final da década de 1950, o cenário, em vários países, mostrava os indícios que viriam a influenciar o comportamento no Brasil. Foram anos repletos de manifestos de estudantes e trabalhadores: o Maio libertário na França, a Primavera de Praga, passeatas norte-americanas contra a guerra no Vietnã, entre outros. Novos comportamentos floresciam, e o uso das drogas tinha significado de protesto aos padrões culturais de consumo, com o pacifismo dos hippies e os conflitos da contracultura.

O cenário político-social desses anos em diversos lugares do planeta sustentava, no Brasil, um clima revolucionário entre intelectuais e diversos grupos da sociedade civil. A situação política tinha um caráter antidemocrático sob a ditadura civil-militar do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, desde o golpe de 1964, mas diversas organizações na sociedade se articulavam em busca de reverter a situação, e muitos dos caminhos de contestação passavam pelo instrumento arte.

De maneira generalizada, as manifestações de cultura e política eram uma coisa só. Essa fusão, em grande parte dos casos, transformou-se em 'arma' de resistência contra determinados hábitos culturais que se manifestavam decorrentes da formação de uma sociedade de consumo baseada em modelos norte-americanos, além de instrumento de reivindicações contra o sistema do governo ditatorial que se instalava no país.

A política era uma forma de estratégia, e a arte, de política. Essa característica da década de 1960 se acirrou após o golpe de 1964, e foi "calada" após dezembro de 1968 com o Ato Institucional nº 5, o que culminou em uma repressão total das manifestações sociais. Assim constatou Zuenir Ventura, no livro 1968, o ano que não terminou. "Em 68 seria assim: a arte não podia viver sem a política, a presença desta tornava o casamento suspeito – uma incômoda contradição mesmo para um tempo em que se alimentava delas." (VENTURA, 1988, 87)

Dessa forma, era possível observar intelectuais e artistas que discutiam as relações da poesia com a política, liam poemas como se fossem atos políticos, e realmente o eram. Em grande parte, os

movimentos direcionavam-se à política, como constata o poeta e cronista Sant'Anna numa revisão desse período, após mais de quarenta anos.

*“Se tomarmos os movimentos que surgiram em torno dos anos 60: a Bossa Nova, O teatro de Arena, o Centro Popular de Cultura, o Opinião, as Neovanguardas, Tropicalismo, o Cinema Novo, veremos que eram iniciativas programáticas, com manifestos e ideais apriorísticos. Estão dentro do aspecto da modernidade, ainda se acreditava na História e no sujeito histórico.” (SANT’ANNA, 2005, p. 31).*

O sociólogo Marcelo Ridenti defendeu, em sua tese de livre docência na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), a idéia de um romantismo revolucionário que atingia os anos 1960 e também a perseverança na mudança desse “sujeito histórico”. Ridenti explica que a idéia de revolução, a qual parece contraditória ao conceito de romantismo, surge para explicar movimentos da esquerda dos anos 1960 não como uma simples volta ao passado, mas buscando nele elementos para a construção da utopia do futuro. Os movimentos e grupos da época traziam idéias da cultura brasileira que foram desenvolvidas a partir da década de 1950, mas que, naquele momento, mesclavam-se a influências da esquerda, comunistas ou trabalhistas.

### **3. Arte e política: apolíticos alienados**

Era um período histórico que refletia muitas mudanças e conflitos. Havia manifestações populares que demonstravam renovação nas artes em geral e não era unânime a idéia de que deveriam falar de política para serem autenticamente representantes de um momento histórico.

Os festivais de música popular brasileira, que reuniam milhares de pessoas nos ginásios dos grandes centros urbanos e, também, faziam sucesso nos meios de comunicação, como rádio e televisão, eram palco para esses conflitos da época. As redes televisivas, como a Record, coordenavam a festa de audiência. Os festivais, como são lembrados por muitos pesquisadores, representavam um espaço de disputa e defesa de ideais políticos, onde os compositores eram os guerreiros aclamados por grandes torcidas.

Um exemplo representa essa divisão de tendência. Ocorreu com o compositor e cantor Chico Buarque, que havia iniciado seu sucesso no II festival da Record, com A Banda, que foi considerada uma singela canção de amor, dividiu opiniões e foi vaiada quando empatou em primeiro lugar com uma música que representava, claramente, as inquietações políticas da época: Disparada, de Geraldo Vandré. Uma, aparentemente, falava de saudade e romance, enquanto que a outra falava de soldados, amados ou não, mas de armas na mão.

Esse evento deixava Chico Buarque do lado dos apolíticos e alienados, porém, mais tarde, mostrou o contrário, como lembra o pesquisador e historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva, que veio, posteriormente, reconhecer o teor político também nas músicas de Chico.

Grupo como o CPC (centro Popular Cultural), tinha o papel de guiar intelectualmente o país no campo artístico-cultural (o qual, nesse período, como já vimos, funde-se com política), e tinha o objetivo de motivar a sociedade brasileira através da valorização da cultura popular, e de reverter os “apolíticos” que preferiam, por exemplo, A Banda de Chico à Disparada de Vandré. A preocupação era intensificar movimentos artísticos que transformassem o país. “Quando os agentes do CPC se referem às ‘obras de cultura popular’, eles não reportam às manifestações populares no sentido tradicional, mas sim às atividades realizadas pelos centros de cultura.” (ORTIZ, 1994, p. 72)

Essa preocupação em proteger a cultura popular surgiu como movimento contrário ao da indústria cultural que se fortaleceu nos anos 1960, e que determinava a produção de arte e consumo de bens simbólicos, além de importar costumes, principalmente, norte-americanos.

#### **4. Tropicália: um movimento de aspectos contemporâneos**

O universo da cultura presenciava movimentos contestadores em todos os meios artísticos (teatro, cinema, televisão, literatura, música popular, etc.) e envolvia determinados setores da sociedade. Os festivais de música popular, o Cinema Novo e os grupos de teatro Arena e Opinião foram movimentos que protestavam também em busca de espaço para muitos sonhos e criação, como lembra Ortiz: “Foi um momento de muita criatividade porque esses momentos utópicos também são momentos de criatividade e liberação.” (ORTIZ, 1988, p. 41)

Entre esses movimentos, prevalecia a idéia de resistência cultural, de conservação de uma cultura popular, transformadora, mas que sustentasse uma identidade nacional. Havia sonhos e lutas que captavam, através da arte, um momento de medos e inquietações. Um movimento que merece um estudo mais aprofundado é a Tropicália, que em sua conceituação e diante das reações provocadas na sociedade, mostrou-nos sinais de elementos contemporâneos que surgiam naquele momento: a globalização, os conflitos de identidade, a resistência cultural e a hibridização, todos captados pela revista Realidade.

O Tropicalismo foi um movimento com caráter de rito antropofágico que recusou utilizar-se de significados já fixados. Surgiu em uma época em que o movimento nacional-cultural ocupava seu espaço através das músicas de protestos que divulgavam e contestavam a situação política do país.

Mas o Tropicalismo não se utilizava de instrumentos como o discurso político em suas letras. Apresentava características estéticas diferentes das que se conheciam. Essa diferença soava para o público como uma contraposição ao movimento nacional-popular e causava furor em muitos, que chegaram a defini-lo como alienador. Suas características estéticas e o cafonismo tiraram-lhe a possibilidade de se classificar como uma posição política. Mas percebe-se a preocupação crítica nas letras de seus artistas, apesar de não ter sido interpretada assim por parte dos intelectuais e estudantes de esquerda.

O Tropicalismo manifestava-se de uma forma mais estética ao reformular alguns conceitos da música popular, além de envolver questões trazidas pela indústria cultural que, aparentemente, não demonstravam engajamento político. Desse modo, a música não se apresentava tão agressiva quanto os protestos e causava estranheza ao público. A música, que marcou o início do movimento, trouxe acontecimentos ao cotidiano da vida do jovem de classe média, que já se envolvia com os produtos da cultura de massa, como se pode ver em trechos da música Alegria Alegria<sup>1</sup>.

Assim também, a música Domingo no parque, de Gilberto Gil e Rogério Duprat, apresenta parecida complexidade em sua construção. A mistura de ruídos, instrumentos clássicos e elétricos, berimbau e acompanhamento de coral fortaleciam a característica do gênero. “Como Alegria Alegria, a música de Gil define um procedimento de mistura, próprio da linguagem carnavalesca, associado à prática antropofágica oswaldiana.” (FAVARETTO, 1979. p. 9)

O estilo de música recebeu nome de movimento e transformou Caetano e Gil em astros, o que atiraria a indústria cultural. A polêmica em torno do Tropicalismo despertou pessoas, como o empresário Guilherme Araújo, a iniciarem um trabalho de marketing, pois o Tropicalismo poderia, então, ser moda ao ditar um estilo psicodélico e debochado.

Caetano e Gil aceitaram participar do processo de industrialização da cultura que se desencadeava no Brasil, não apenas com objetivo no plano comercial, mas com novas visões sobre um novo espaço cultural, e confessaram, tempos depois após o encerramento do movimento, terem vivido um período angustiante nesta empreitada.

O Tropicalismo, portanto, pode ser visto como um movimento que expressava as diversas nuances da cultura daquela época, uma manifestação cultural contraditória, conflituosa e exposta à análise de um público que exigia um comportamento definido: político ou alienado.

Pode-se dizer que o período 1960-1968, que cobriu parte dos anos de produção da revista Realidade, foi um momento cultural repleto de conflitos que hoje podem ser vistos e avaliados de forma mais concreta. Muitas das características deste período, ainda difusas, foram captadas pelos autores/repórteres da revista Realidade.

Através da análise das características dos textos da revista Realidade, foi possível observar princípios editoriais que direcionaram a reportagem para uma representação ampliada dos fatos, e que demonstram a presença de dados culturais emergentes que permeavam a sociedade naquele momento histórico. O texto cumpria uma função do jornalismo como produtor de conhecimento e transformador da realidade, o que é incompatível com uma simples pauta de serviços que quer apenas gerar lucros e tem sua produção controlada, como acontece no jornalismo cultural hegemônico na atualidade.

### **5. Exemplos do cenário cultural nas reportagens da revista realidade**

*Texto 1: “O tropicalismo é nosso viu”*

(Dezembro de 1968, nº 33, o texto foi produzido no mês de novembro, sem autor, no período de transição dos redatores)

Para tratar do tema Tropicália, a reportagem aborda as ideias em torno da cultura, as quais eram pertinentes a uma construção de um conceito contemporâneo: a elite, o popular, o brasileiro e a mistura que detecta o hibridismo.

A reportagem busca a memória do leitor ao apresentar exemplos das artes que se relacionam com o contexto da Tropicália: o moderno e as artes, o teatro e o cinema de protesto e a Chacrinha, popular. A relação com a história: anos 30, Mário e Oswald de Andrade em busca do verdadeiro espírito da cultura brasileira.

A narrativa do início da reportagem é bastante representativa. Explana, de uma forma geral, a cultura naquele momento, conflituosa, mas, principalmente, diante de uma indústria cultural que parecia colocar em risco a cultura brasileira. O nacionalismo é uma questão importante, e a narrativa segue expondo a relação do Brasil com a história cultural, as influências. Nos títulos, primeiro os artistas, depois a confusão de quem não entendia nada e, posteriormente o popular na Tropicália. Por fim, todos por uma causa. Muitos depoimentos, antecipados pelos travessões, ilustram o objetivo da reportagem de dar voz aos protagonistas do movimento.

O ponto de vista apresentado nesse texto é bastante interessante porque se mostra tão conflituoso como a própria Tropicália. O autor deixa claro que busca explicações e caminhos para a compreensão da cultura brasileira que, até então, mistura o popular e o elitizado, o culto e o inculto, o nacional e os americanismos. O híbrido aparece.

*Texto 2: “Vejam quem chegou de repente”*

Reportagem: Narciso Kalili (maio de 1966, nº 2, págs. 73-80)

O texto é um perfil do jovem cantor Roberto Carlos e a evolução de sua carreira. A matéria consegue abordar o tema como uma mudança comportamental. Ela contextualiza a situação como um todo, tanto nos aspectos geradores de comportamento, como num estilo de música como produto da indústria cultural. É uma visão crítica em relação ao “americanismo” desse movimento, e que analisa, de forma negativa, esse produto.

A forma como a reportagem é exposta por Narciso Kalili nas oito páginas que ocupa mostra uma trajetória que não só recorta um momento importante da época, como especula a história cultural dos anos seguintes, dos “novos movimentos culturais”, como a lambada, o axé e muitos outros mais instantâneos que esses e que mudaram comportamentos nas casas e festas de grande parte da população brasileira. O movimento funk, hoje, parece demonstrar uma história muito parecida,

mas sem grandes ídolos, apenas ditando comportamentos bem específicos. Assim como os versos destacados das músicas de Roberto Carlos determinam os aspectos desses movimentos, os versos recitados nos bailes funks repetem o mesmo ritual.

O texto da reportagem reforça a ideia de um movimento cultural esvaziado no conteúdo ao comentar que, além de apresentar letras simples; nele, um compositor como Erasmo Carlos não conhece notas musicais, e Vanderléia, outra cantora da Jovem guarda, não tem voz, canta baixo e “esganiçado”, o que conota uma forma de desvalorização e de exibição do avesso de atitudes e regras para o canto e do comportamento para a vida social. Uma fantasia assustadoramente vendável e rentável. Uma abordagem clara de um momento que surgia – um fenômeno cultural abordado por todos os lados nesse texto.

Não eram ideias bem definidas como podemos precisar hoje, mas já apontavam vestígios dessa cultura contemporânea. Tais reportagens identificam ideias como conflitos culturais, identidade e resistência nos textos que absorviam uma tomada ampla da cultura. Somente essa visão de amplitude da cultura poderia detectar a situação de uma época.



### Referências

FARO, José Salvador. *Revista Realidade 1966-1968 – Tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: Ed da ULBRA/AGE, 1999.

\_\_\_\_\_. *A imprensa brasileira e a revista Realidade*. Alaic – Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, Congreso 1999.

FAVARETTO, Celso F. *Tropicália: Alegoria, Alegria*. São Paulo: Kairós, 1979.

GABEIRA, Fernando. *Caminhos da cultura brasileira*. In: *4 X Brasil – Itinerário da cultura brasileira*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. SP: Brasiliense, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. *Universidade e Sociedade*. In *Entrevista*, Ano VIII, nº 16, junho de 1988.

RIBEIRO, José Hamilton. *Jornalistas 1937 a 1997 – História da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

RIDENTI, Marcelo S. *Em busca do povo brasileiro: romantismo revolucionário de artistas Intelectuais (pós 1960)*. Campinas – SP: Unicamp, 1999. (tese de livre-docência)

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *4 X Brasil*. In: *4 X Brasil – Itinerário da cultura brasileira*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005.

VENTURA, Zuenir. 1968 *O ano que não terminou – a aventura de uma geração*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1988. WILLIAMS, Raymond, *Cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

ROSA, Márcia Eliane. *Os sentidos pluralistas do cotidiano da cultura nas reportagens da revista Realidade nos anos de 1966 a 1968*. 2006. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-30042009-142142/pt-br.php>. Acesso em: 29/08/2014.

### **Notas**

<sup>1</sup> É uma canção da autoria de Caetano Veloso, e foi um dos marcos iniciais do movimento tropicalista em 1967. Estudiosos observaram questões importantes sobre a letra, como: as palavras que completam a mensagem não são correlatas e não aparecem juntas nesse poema: crimes/espçonaves/guerrilhas/cardinales/caras de presidente. Elas aparecem confusas, neutralizando o conteúdo. Descreve uma técnica e não um sentido; remete-se ao espaço urbano e, inevitavelmente, aos chamados meios de comunicação de massa.